



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES**

MICHELE NASCIMENTO PINTO

MEMÓRIA E RECORDAÇÃO EM MEMORIAL DE AIRES

**CAMPINA GRANDE – PB
2012**

MICHELE NASCIMENTO PINTO

MEMÓRIA E RECORDAÇÃO EM MEMORIAL DE AIRES

Trabalho acadêmico orientado (TAO) apresentado ao curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento às exigências para obtenção do título de Bacharelado e Licenciatura em letras.

Orientador: DR.º Luciano B. Justino

CAMPINA GRANDE-PB
2012

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA
CENTRAL – UEPB

P659m

Pinto, Michele Nascimento.

Memorial e recordação em Memorial de Aires
[manuscrito] / Michele Nascimento Pinto. – 2012.
18 f.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação
em Letras) – Universidade Estadual da Paraíba,
Centro de Educação, 2012.

“Orientação: Prof. Dr. Luciano B. Justino,
Departamento de Letras”.

1. Crítica Literária 2. Romance 3. Literatura
Brasileira 4 Memória I. Título.

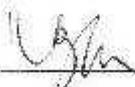
21. ed. CDD 801.95

MICHELE NASCIMENTO PINTO

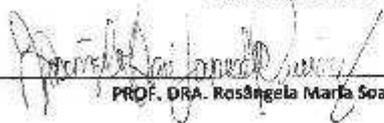
MEMÓRIA E RECORDAÇÃO EM MEMORIAL DE AIRES

TAO aprovado em 05 de Dezembro de 2012

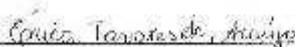
Banca Examinadora

 - 9,0

PROF. DR. LUCIANO B. JUSTINO

 - 9,0

PROF. DRA. ROSÂNGELA MARIA SOARES DE QUEIROZ

 - 9,0

PROF. MSC. ÉRICA TAVARES

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, aos quais são minha força

Aos meus irmãos, pela cumplicidade e companheirismo

SUMÁRIO

RESUMO

I - INTRODUÇÃO	6
II - Um pouco dos aspectos que compreendem o enredo	7
III - Da memória: aspectos conceituais	10
IV - A escritura memorialística e o diário do Conselheiro Aires	15
CONSIDERAÇÕES FINAIS	19
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	23

Título: MEMÓRIA E RECORDAÇÃO EM MEMORIAL DE AIRES

RESUMO:

Este artigo tem como objeto de estudo o romance *Memorial de Aires* de Machado de Assis, obra que marca a liberdade expressiva do autor, mediante a relação com os conflitos urbanos observados por um narrador em primeira pessoa. Parte-se da hipótese de que a obra tem como foco temático o conflito entre indivíduo/ memória e coletividade. Para tanto tomamos como base teórico-crítica os seguintes autores: Albuquerque Junior (2007) Zilberman (2006), e outros. Em um primeiro momento empreendemos uma análise do aporte teórico sobre memória, e por fim analisamos referentes na obra, fazendo um diálogo teórico.

Palavras-chaves: memória social ou coletiva, Memorial de Aires; Machado de Assis

I - Introdução

Os sentidos presentes na obra de Machado de Assis, mais especificamente o *romance Memorial de Aires*, são perpassados por uma observação do cotidiano, no qual são revelados a preocupação com a marcação de uma memória, que se traduz por uma narrativa nitidamente caracterizada como um diário, sobre cuja escrita são mostrados fatos passados e presentes. O relacionamento do narrador com os demais personagens se faz por intermédio de limitar as experiências de cada um por meio da escrita.

Todos os acontecimentos relatados no texto seguem uma ordem cronológica promovida por intermédio de datas que limitam os espaços de tempo. Também são evidentes expressões temporais que são escritas dentro de uma lógica de situar a história sobre a memória dos personagens. Assim, vemos a figura de Fidélia, uma viúva caracterizada por cultivar ao passado, ou seja, a personagem segue rigorosamente em seu cotidiano idas ao cemitério, onde faz memória de seu marido falecido. Essa realidade gera em Aires, um diplomata aposentado que leva o tempo a vasculhar a vida dos outros por meio da escrita, a necessidade de ter Fidélia, e é através desse desejo que a história se dá. Sendo nitidamente levado a centralizar o discurso em torno dos personagens que circundam a viúva, o narrador produz uma narração que perfaz o recolher no cotidiano os por menores da vida de Fidélia.

Por isso, este artigo, tem como proposta refletir sucintamente sobre as formas como o narrador em *Memorial de Aires* se coloca como sujeito de construção de uma memória que se faz ao mesmo tempo individual e coletiva, ou seja, queremos pensar como o texto de Machado de Assis se constrói dentro de uma tendência de narrador em relatar experiências que se traduzem na observação do cotidiano como marco de sua relação com o mundo. Percebemos que esse texto de Machado de Assis, por ser uma de suas últimas produções, na qual ele se encontrava na sua maturidade de escritor, traz reflexões sobre temas como velhice e morte, que surgem dentro de uma memória que se contrapõe à vida fora da observação e da compreensão da vida dos outros.

Queremos refletir neste trabalho sobre questões relacionada à memória, tendo como suporte teórico o pensamento de autores como Paul Ricoeur (2007), Bergson (2006), Bourdieu (2007), Albuquerque Junior (2009), entre outros, que possam dar suporte à compreensão dos significados presentes em nosso estudo.

II - Um pouco dos aspectos que compreendem o enredo

Machado de Assis publica em 1908 um romance em forma de diário, no qual temos uma contato direto com as relações sociais por ele observado. Observamos neste romance uma vasta preocupação em perceber o mundo ao seu redor e a desvendar as histórias de pessoas que o cercam. *Memorial de Aires* faz, desde seu título uma referência ao primeiro romance da chamada segunda fase — iniciada com *Memórias Póstumas de Brás Cubas* — e retoma construindo uma narrativa que nos apresenta um narrador semelhante ao do romance anterior — o Conselheiro Aires. O título conduz o leitor a centralizar Aires na narrativa do *Memorial*. Apesar de seguir a forma de um personagem narrador, a narrativa se concebe a partir das anotações feitas pelo “conselheiro” (moralista). Não se trata de retratos íntimos, mas de um narrador que se ocupa quase que exclusivamente do alheio, visto na ótica de um EU que “aconselha”. A produção da narrativa concretiza-se em uma memória que se faz pela constante observação da vida ao redor do narrador-observador, ávido por vasculhar a vida dos outros em função de escrever e inscrever os momentos através da escrita.

A narrativa tem início com a chegada de Aires ao Brasil, da qual podemos pressupor que representa, ao mesmo tempo, estar novamente ao encontro dos entes e com o retorno à pátria e o fim de sua profissão, diplomata aposentado cujos tempos foram consumidos longe de

suas relações mais comuns como com seus conhecidos. Vemos um dos poucos trechos em que o Aires fala em relação a si mesmo, começando uma longa divagação sobre o tempo e a memória. Como sendo uma forma de se encontrar nos transcurso do tempo. Suas experiências e saudades são postas na formatação de colocar dentro do texto as suas impressões diante da vida. O que importa para ele é o fato de estar vivo. Assim vemos no trecho, a exibição de sentimentos sobre a terra e sobre a rememoração:

(...) trouxe-me à memória o dia do desembarque, quando cheguei aposentado à minha terra, ao meu Catete, à minha língua. Era o mesmo que ouvi há um ano, em 1887, e talvez fosse a mesma boca. Durante os meus trinta anos de diplomacia algumas vezes vim ao Brasil, com licença. O mais do tempo vivi fora, em várias partes e não foi pouco. (...) Certamente, ainda me lembram coisas e pessoas de longe, diversões paisagens, costumes, mas não morro de saudades por nada. Aqui estou, aqui vivo, aqui morrerei. (ASSIS, p.15)

Nesse trecho, percebe-se que o narrador em seu discurso a pensar na vida (que é agora a vida do aposentado, em cujos significados percebemos a percepção de que a vida ainda vale a pena e que se sente cansado do ofício e dessa forma poderá descansar) e a morte é fato que tem um significado positivo por estar ligado ao fato dele se encontrar em sua terra, em sua língua. O *Memorial* nos apresenta um narrador que através de seu desejo é capaz de construir algo para uma memória, pois para ele abre-se um desejo, um desejo do futuro, do porvir. De fato, desde o primeiro capítulo o conselheiro sabe que sua vida profissional está morta, mas mantém certa esperança na aposentadoria, pois percebe que este é um momento de recriar a sua existência.

Aires, no início do romance, nos apresenta um paradoxo entre morte / e vida que irá perdurar ao longo da narrativa. Sua irmã Rita leva-o para visitar o jazigo da família e dar graças ao regresso do conselheiro. Percemos que esta visita é uma forma de rever um passado, pois ao retornar ao cemitério o narrador se vê imerso em reminiscências, mas isso não se torna central na narrativa, pois vai ser neste momento que ela vai encontrar a viúva Fidélia, dando início a um vasto interesse sobre a vida daquela que lhe despertou um significado sobre o mundo.

Antes de vislumbrar a bela “senhora”, Aires percebe e expõe em seu comentário sobre o fato de ir ao cemitério um total desinteresse sobre o mundo tanto dos vivos quanto dos mortos: “Não vejo necessidade disso, mas respondi que sim”(p.15). Esta afirmativa nos dá uma demonstração e um índice importante de seu modo de julgamento diante daquilo que a

sua irmã revela como primordial que é estar relacionado com os entes que partiram através das convenções sociais. Para Aires, as convenções sociais interessam pouco e a proximidade com os mortos interessa menos ainda. Esse fato é evidente no texto, mas no cemitério, o diplomata vislumbra uma linda dama que passa a figurar como um enigma e que vai marcar todo o processo narrativo, por intermédio de descobrir o que é que se passa por trás daquela que o tirou do corriqueiro. Assim, no comentário de Bosi :

Aires desvendou o rosto da moça diante do leitor para depois vendá-lo com a máscara, mas não de todo, porque o verbo “parecer” já não permite que a máscara se sobreponha cabalmente à face da viúva em ato de prece. (2007, p. 134)

Sua descrição nos dispõe no terreno da incerteza e cujo desejo se impõe a dispor como forma de dar sentido aos fatos observados, conforme Bosi (2007) nos expõe, Aires se revela como perspicaz observador e exímio estudante das circunstâncias que possibilitam empreender a dúvida e a necessidade de vislumbrar os significados que cercam aquela mulher. É assim que, ao longo da narrativa, Aires vai ; por intermédio deste contato, que se fez distante durante a visita ao cemitério, mas que despertou como objeto a curiosidade, então, encher-se de perguntas acerca daquela mulher que no cemitério se encontra em estado de adoração, no luto que a envolve pela morte do marido.

Memorial de Aires torna-se, a partir deste observar uma narrativa que se caracteriza como estudo sobre uma família em que a composição se faz pela diversidade de personagens. Compreende agregados e familiares que se misturam numa conformação ambígua que remete a formas de convivência pautadas em questões de ordem sentimentais, pois os significados que envolvem os agregados se fazem por uma lógica que poderíamos dizer que não marca dentro da ordem capitalista (não precisam do dinheiro, mas do carinho familiar). Fidélia, a viúva; é uma pessoa que chora a morte do marido, é filha postiça de D. Carmo e Aguiar, nos quais encontra segurança e amor. Nesse contexto, o casal D. Carmo e Aguiar tem outro filho postiço chamado Tristão, que também recebe de forma devota o amor do casal. Ambos os filhos postiços vão incorrer nos dramas vivenciados pela família Aguiar, que não os querem distante, mas Tristão os abandona indo para Lisboa. Deixa, assim, o casal triste por não terem mais por perto o filho que na realidade nunca tiveram, mas que se representava na figura de Tristão.

Aires é por vocação e por profissão aquele que vê, observa como as coisas acontecem, atentando para ambos os lados da moeda, buscando não emitir julgamentos. A imparcialidade

presente no discurso sugere que o narrador quer construir um texto onde as experiências observáveis sejam delimitadas por uma visão dos fatos e não de suposições. Para que esse discurso seja construído, vemos que o narrador se coloca como mero espectador das situações em que simplesmente observa. Na realidade, a diplomacia, em muitas passagens, passa a ser retratada como uma marca do conselheiro; tornando-o como um mediador para as situações contraditórias que testemunha ou que vêm aos seus ouvidos.

Esse breve resumo evidencia o fato de que o romance *Memorial de Aires* se constrói pela observação das situações sociais cotidianas. Torna essas situações como aspectos importantes na compreensão das relações entre os sujeitos no ambiente social, seja nas casas, seja nas ruas e festas. Assim o texto de Machado de Assis é uma narrativa que retrata muito bem essas questões, por trazer um narrador que está constantemente ligado à observação e representação do mundo através da escrita.

III - Da memória: aspectos conceituais

O conceito de memória e a maneira como ela funciona vem sendo tema de estudos de filósofos e cientista há séculos. Sejam escritas ou orais, coletivas ou individuais, os estudos relacionados á memória têm se transformado numa das fontes de maior importância para os estudos históricos, culturais e literários na atualidade. Um dos fatores de maior destaque atualmente é o uso da metáfora do computador para explicar como a memória dos homens funciona. Para outros, esta comparação da memória à máquina e à vida teve repercussões diretas sobre pesquisas dos psicólogos, passando de um estágio fundamentalmente biológico a um estágio mais técnico. Vemos que, “A partir de 1950, os interesses mudaram radicalmente, em parte por influências de novas ciências como a cibernética e a lingüística, para tornarem uma opção mais teórica” (DISURY *apud* MEUDLERES, BRION e LIEURY, 1917, p.789).Foram trazidos, desta forma, problemas antigos em torno da memória, para uma visão mais científica quebrando os ideais metafísicos que concernem a essa realidade.

Partindo para a mitologia grega, a memória apresenta um sentido sobrenatural. Um dom a ser exercitado. A deusa Mnemosine, mãe das nove musas, protetora das artes e da história, possibilitava aos poetas lembrar do passado e transmiti-lo aos mortais. A poesia, identificada com a memória, faz deste um saber e mesmo uma sabedoria, uma *Sophia*. O poeta é, pois, um homem possuído pela memória que tem o seu lugar entre os “mestres da verdade” (cf. DETIENE,1967) e, nas origens da poética grega, a palavra poética é uma

inscrição viva que se grava na memória como no mármore (cf. SVENBRO, 1976). Por outro lado, a filosofia grega, nos seus maiores pensadores, não reconciliou a memória e a historia.

Para Platão e Aristóteles, a memória seria um componente da alma que não se manifesta, contudo, ao nível de sua parte intelectual, mas unicamente da sua parte sensível. Sobre maneira vemos que Platão e Aristóteles vão de encontro ao conceito de registro, pois para eles esse fator era visto como algo que contribuía para o enfraquecimento da memória, ao transferi-la para fora do corpo do sujeito. Para associar esse conceito, os gregos marcaram a idéia de esquecimento a *Lete*, musa feminina que se oporia a Mnemosine. Portanto desde sempre o esquecimento, por eles pensado, foi invocado como forma de desgraça, e, para vencer a morte ou o esquecimento, os poetas serviam de gravadores de memória coletiva.

Nas doutrinas órficas e pitagóricas, no inferno órfico, o morto deveria evitar a fonte do esquecimento, não podendo beber no *Lete*, mas, ao contrário, nutrir-se da fonte da memória, que é uma fonte de imortalidade. Estas crenças combinavam-se com a doutrina de reencarnação das almas, e a via da perfeição é a que conduz á lembrança de todas as vidas anteriores.

Já durante a Idade Média, com a difusão do cristianismo, monopólio que a igreja conquistava no domínio intelectual, o judaico- cristianismo passa a acrescentar algo de diverso á relação entre memória e religião, entre o homem e Deus (cf. MEIER, 1975). E isto em diferentes aspectos: porque atos divinos de salvação situados no passado formam a conteúdo de fé e de objeto do culto, na necessidade da lembrança como tarefa religiosa fundamental. Em Isaias (44-21), podemos verificar o apelo à recordação e a promessa da memória entre Yahwêh e Israel: “Lembra-te disto, Jacob, e tu, Israel, pois és meu servidor; eu te formei, tu és para mim um servidor, Israel, não te esquecerei”. No novo testamento, a última Ceia funda a redenção na lembrança de Jesus: Depois, pegando no pão, ele prestou graças, partiu-o e deu, dizendo: Este é meu corpo que vós é dado; fazei isto em minha memória”(LC, 22,19). João coloca a recordação de Jesus numa perspectiva escatológica: “Mas o Paracleto, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, ele nos ensinará tudo e nos lembrará tudo o que Vos disse”(14,26). E Paulo prolonga esta perspectiva escatológica: “Com efeito,cada vez que comeres este Pão e beberes este Vinho, anunciareis a morte do Senhor até que ele venha” (COR, 11, 26).

Agostinho deixará em herança ao Cristianismo medieval um aprofundamento e uma adaptação cristã da teoria da retórica antiga sobre a memória. Nas suas Confissões, parte da concepção antiga dos *lugares* e das *imagens* da memória, mas dá-lhes uma extraordinária

profundidade e fluidez psicológicas, referindo a “imensa sala da memória” (in aula ingentimemoriae), a sua “câmara vasta e infinita” (penetrare amplum et infinitum). Segundo o autor, a memória penetra profundamente no homem interior, no seio da dialética cristã do interior e do exterior, de onde saíram o exame de consciência, a introspecção, e também a psicanálise. Portanto, não são ainda a consciência e o si, nem tão pouco o sujeito que Santo Agostinho descreve e honra, mas já é o homem interior que se lembra de si mesmo.

Lembrar o que está no esquecimento nos coloca a questão de como posso trazer a um presente algo que estar esquecido na memória. Uma experiência individual de tempo e acontecimentos que podem cair no espaço do esquecimento e serem retomados por uma procura de algo distante e ao mesmo tempo perto. Santo Agostinho disserta sobre isso nos afirmando o seguinte:

Mais aquilo de que nos lembramos, é pela memória que o retemos; ora, sem nos lembrarmos do esquecimento não poderíamos absolutamente, ao ouvir esse nome, reconhecer a realidade que significa; se assim é, é a memória que retém o esquecimento (RICOEU; 2007 p. 111).

Diante disso podemos refletir que o esquecimento como um elo entre a memória e os conteúdos que são desejosos a ser lembrado, ou seja, o esquecido, pois o ato de querer lembrar parte do pressuposto de que nos lembramos do que estar esquecido. Isso é uma realidade veiculada por Agostinho e que domina todo um período que remete a dominação da Igreja, ou seja, a visão de Agostinho e outros doutores da Igreja que reconstruem uma memória individual e imanente, que parte de forma a buscar algo que estar subentendido no esquecimento.

Partindo dos pressupostos vinculados na modernidade que introduzem os sujeitos dentro de uma racionalidade, marcadamente nas palavras de Descartes que nos dá o adágio, “Penso, Logo Existo”. Demarcando desse modo uma visão racional da memória que não estar mais condicionada por valores afetivos, como em Agostinho. Portanto, devido aos avanços reflexivos em torno do armazenamento de conteúdos mnemônicos, se construiu uma vasta produção filosófica.

Devidos aos avanços nos conceitos e estudos da memória, vemos que o historiador que trabalha com a memória histórica passa a pensar esses conteúdos dentro de uma diferenciação cultural fundamental. Para eles, a “memória histórica” é composta de fatos convencionalizados como histórias que têm repercussões nas memórias pessoais e de grupos porque têm significados para eles. São aqueles fragmentos de Histórias que são incorporados às memórias

coletivas e individuais servindo como marcas temporais (Albuquerque Junior, 2007). Já a História é a reinvenção do passado, sua construção é feita por especialistas que se orientam não só pela interpretação do imaginário coletivo, mas por um aparato teórico e metodológico mais sofisticado e que tenta dar conta deste passado com suas múltiplas significações. Esta conceituação empreendida pelo historiador é diferente daquela defendida pelo memorialista, já que esta memória está presa ao próprio grupo que a produz. E é por esse motivo que a relação do historiador com as memórias é uma relação de violência (Albuquerque, 2007).

Como parece acreditar Marilena Chauí (1991), a História é também uma violência que se pratica com as armas dos conceitos, do pensamento, razão. Além disso, a História pode invadir a vida dos grupos mesmos que eles não queiram dela fazer parte. Embora existam memórias que tentam construir a imagem do grupo para a História, há outros que rejeitam a idéia de História. Mas a História viola e exclui a temporalidade das memórias que são temporalidades curtas, que falam das experiências vivenciadas pelo grupo.

Jean-Yves Tadié e Marc Tadié (1999) observam que a memória “faz o homem”; mais adiante complementam: “A memória é a função do nosso cérebro que constitui o elo entre o que percebemos do mundo exterior e o que criamos, o que fomos e o que somos, ela é indispensável ao pensamento e à personalidade”. Tadié acrescenta ainda que a constituição do indivíduo “permite que tenhamos uma identidade pessoal: é ela que faz a ligação entre toda sucessão de eus que existiram desde nossa concepção até o momento presente”.

Com o advento da psicanálise, com relevância conferida por Sigmund Freud ao inconsciente, relegou a memória a um segundo plano. Para ele a memória situa-se no âmbito do consciente, da vida diurna e da ação do Ego, não sendo diretamente pertinente ao inconsciente, pois não dispõe de meios para controlá-la e impulsioná-la quando desejar. A memória, por natureza, remete ao passado, razão porque se associa à história. O inconsciente, não: enquanto pulsão primária, não tem história e manifesta-se quando quer, particularmente quando o sujeito não se encontra em estado de alerta.

A experiência que os indivíduos passam em suas vidas, compreendida como os processos de fragmentação e multiplicidade de instantes, que se apresentam nas realidades individuais e coletivas vividas; são aspectos importantes, na construção de uma história. A linguagem que caracteriza e nomeia aquilo que é humano, passa por uma reviravolta em termos de ver o homem, pois é marcada nos contextos de escrita a memorização de experiências significativas. Desprendendo aquilo que é mais importante digno de louvor, e

conduzindo a reflexão sobre a realidade histórica para aqueles que se encontram nos recônditos da sociedade, cobertos por poeira e podridão.

O estudo da memória mostra que a sociedade moderna colocou diante dos olhos do homem, ou seja, a dinamicidade das identidades e a aceleração da temporalidade, trazido pelos avanços nas formas de comunicação, transporte etc. Somos levados a pensar sobre uma memória quer seja minha e quer possa ser partilhada. No âmbito da memória não há a ruptura com o passado, pois sua contigüidade se dar pela introdução no presente de conteúdos passados e significativos, portanto a memória é uma forma de identificação do indivíduo dentro de uma comunidade histórica, como também dentro de uma realidade subjetiva. Assim, temos a afirmação que “as imagens sensíveis e as noções se acrescenta a lembrança das paixões da alma: de fato é dado a memória lembra-se sem alegria, sem tristeza da tristeza” (RICOEUR,2007,p.110).

A tarefa do historiador é tentar compreender dentro do turbilhão de incompreensões que emana da sociedade moderna as possibilidades de construção e desconstrução, o passado se perfaz como algo distante, mas traz para a cena a necessidade de rever esse passado como reformulador.” A história, em nosso tempo, não pode ser discurso de construção, mas de desconstrução, discurso voltado para compreender o fragmentário que somos, as diferenças que nos constituem, o dessemelhante que nos habita (ALBURQUERQUE JUNIOR,2007, p.87), dessa forma.... “encontrar é reencontrar, e reencontrar é reconhecer, e reconhecer é aprovar, portanto, posteriormente considerada como esquecida” (Ricoeur, 2007,p.110). O ato inteligível de trazer ao presente sentidos que passam a ser pensados e refletidos sobre a necessidade de preenchimento de nossas vidas para pensar em um presente que tem um passado e sobre uma possibilidade futura.

Contradições que emanam da sociedade devem ser o objeto da história, pois onde temos os fatores de formatação de princípios é importante ao desenvolvimento de memórias. Assim, os que nunca tiveram a possibilidade de se expressar, produzir linguagens, porque sempre estiveram calados nos lugares mais sombrios, são conduzidos por aqueles que produziram uma história apolínea centrada no poder de sujeitos que tinham a centralidade do poder, esse que não tinham voz, devem ser vistos, hoje, como lugar que concentra a verdadeira história.

Contudo, vemos que a estrutura social sempre privilegiou grandes monumentos e grandes figuras, porém um novo olhar surge na modernidade pela inquietude causada pelos conteúdos objetivos, científicos e racionais que conduziram o homem a uma cegueira diante

do objeto artístico, pois esses pensamentos, em certos casos quebraram possibilidades de ver a vida e a sociedade por uma visão artística. Nesse pensamento temos que introduzir uma relação intelectual que tenha sensibilidade em construir uma abertura maior na visão humana. Dessa forma podemos ver que segundo Albuquerque Junior, “a História precisa escapar deste discurso racional, deve reintroduzir a arte em seu discurso, tornar a sensibilidade, imaginação e a intenção partes de seus instrumentos de trabalho, deve reinstalar o corpo na escrita” (2007, p.88).

Os estudos que tendem a memória têm sido voltados à elevação aos olhos do homem moderno, da vinculação de como o homem se coloca e se colocou em contextos sociais e históricos passados, onde se pôde ver o que somos e fomos. Russo (2000) dissertando diante da revisão do que caracteriza a memória nos enfatiza que o conceito de memória constitui-se dentro de uma vertente psicológica que perpassando por vivências coletivas direciona os sujeitos a reconstruir percurso de momentos históricos que se tornaram relevantes. Assim o autor conceitua a ideia de memória como:

É uma reconstrução psíquica e intelectual que acarreta de fato uma representação seletiva do passado, um passado que nunca é aquele do indivíduo somente, mas de um indivíduo inserido num contexto social, nacional (ROUSSO, 2000, p.94)

IV - A escritura memorialística e o diário do Conselheiro Aires

Memorial de Aires, obra que encerra as produções romanescas de Machado de Assis, tem sua publicação em 1908, poucos meses antes de sua morte. No período da escrita desse romance, Machado de Assis se encontrava viúvo e solitário, desiludido com a vida, às voltas com as lembranças demarcadas pelos 35 anos de união com sua esposa; Dona Carolina. Como novidade, Machado de Assis traz uma obra uma narração em forma de diário e sobre o qual são expostos sentidos inerentes as suas percepções subjetivas diante da vida. No romance podemos observar que ele traz como intercâmbios de informações, os sentidos que passam no íntimo dos personagens principais, procurando demonstrar dessa forma o que se passa no interior, através de suposições próprias ou através de informações ouvidas de outrem. Com isso podemos demarcar no discurso do narrador o seguinte esclarecimento:

Sempre me sucedeu apreciar a maneira porque os caracteres se exprimem e se compõem, e muita vezes não me desgosta o arranjo dos próprios fatos.

Gosto de ver e antever, e também de concluir. (ASSIS MACHADO, 2007,p 87).

No *Memorial de Aires*, o narrador relata descritivamente as situações diárias de sua vida de diplomata aposentado no Rio de Janeiro de 1888 a 1889 (proclamação da república, fim da monarquia e abolição da escravidão). Aposentado, o conselheiro insiste de forma enigmática que a sua condição determina-se como um fato de disponibilidade, onde o tempo de sobra, passa a ser primordial para ir escrevendo seu diário. Com isso trazemos a idéia de que o tempo se constrói dentro de um aspecto psicológico, traduzindo-se de uma auto-ironia, presenciando uma caracterização crítica do próprio método narrativo. No trecho a seguir vemos uma relação declarada sobre o papel do idoso em termos de memória, pois a aposentadoria condicionada com a idade e o fato de se relacionar os conteúdos de memória marcadamente presente em uma escrita, mostramos a artificialização da memória por meio da escrita. Vejamos: “Nada há pior que a gente vadia, ou aposentada, que é a mesma coisa; o tempo cresce e sobra, e se a pessoa pega a escrever, não há papel que baste” (ASSIS, 2007 p.30).

O narrador não explica o que vale a pena guardar, mas lembra parece ser um modo de atar o passado ao presente, para aguardar o futuro, que nem sempre traz para o sujeito o que era esperado, o que acontece com o conselheiro, que aguarda pacientemente que Fidélia lhe dê atenção, o que não acontece:

Escuta papel. O que naquela dama Fidélia me atrai é principalmente certa feição de espírito, algo parecido com o sorriso fugido, que já lhe vi algumas vezes. Quero estudá-la, se tiver ocasião. Tempo sobra-me, mas tu sabes que é ainda pouco para mim mesmo, para o meu criado José, e para ti, se tenho vagar e quê- e posso mais (ASSIS, 2007, p.36)

A palavra Fidélia: etimologicamente, liga-se à fidelidade, o que é muito próprio de uma viúva dedicada ao culto da memória do marido. Aires a define como “objeto de estudo”. Fidélia encanta-o, mas evoca nele apenas o gélido verso de Shelley, *I can give not what men call Love*, “Eu não posso dar o que os homens chamam amor...e é pena!”. Abre-se assim um intervalo entre o foco narrativo e o objeto: intervalo que só tenderá a dilatar-se.

A relação com Fidélia e o marido morto também fornecem material para as reflexões de Aires as relações sobre os que se foram e os que ficaram. “_Ah! Minha amiga (ou meu amigo), se eu fosse a indagar onde para os mortos, andaria o infinito e acabaria na eternidade”.

O conselheiro, enquanto narrador, discorre sobre tudo que faz parte da família Aguiar e as pessoas que frequentavam a sua casa e chega a divergir do que vê e do que observa para preencher o Memorial que ele caracteriza como um bom costume, a que ele classifica como vadiação. O narrador não chega propriamente a cuidar de si mesmo, pois se detém em se preocupar com os outros, bisbilhotando sobre suas vidas:

Lá fui ontem ás bodas de prata. Vejamos se posso resumir agora as minhas impressões da noite.

“Não podiam ser melhores. A primeira delas foi a união do casal. Sei que não é seguro julgar por uma festa de algumas horas a situação moral de duas pessoas. Naturalmente a ocasião aviva a memória dos tempos passados, e a afeição dos outros como que ajuda a duplicar a própria. Mas não é isso. Há neles alguma coisa superior á oportunidade e diversa da alegria alheia. Senti que os anos tinham ali reforçado e apurado a natureza, e que as duas pessoas eram, ao cabo, uma só e única. Não senti, não podia sentir isto logo que entrei, mas foi o total da noite (ASSIS, Machado, 2007, p.21).

Por se tratar de uma escrita íntima, o memorialista sente-se completamente á vontade para confiar ao “amigo papel” tudo o que pensava com exatidão e felicidade, pois é mínima a separação entre o vivido e o seu registro pela escrita. Na tentativa de se proteger contra o incerto, o narrador protagonista, data com precisão cronológica todos os fatos do seu cotidiano, podendo voltar-se para si sempre que preciso, porque escreve para si, em segredo.

Para alguns críticos esta obra de Machado de Assis seria uma estrutura memorialista pseudo-autobiográfica estruturada a partir de um percurso biográfico metalingüístico, construído pela presença de um narrador personagem (Aires) que escreve suas memórias narrando e analisando a vida de suas personagens, na medida que constrói a sua autobiografia, também marcado por elementos biográficos do pseudo-editor do seu diário. Aires, faz que seu relato seja voltado, ora para a narração da historia de sua própria personalidade e (autobiografia), ora para a narração da trajetória do casal Aguiar e de seus sobrinhos Tristão e Fidélis (memorialista).

Na simulação de ser um livro, o memorial, lembremos, mal serviria para “matar o tempo da barca de Petrópolis”, como se lê no prefácio de Esaú e Jacó, incorporado na “Advertência” do Memorial de Aires. Ou ainda, quando vemos Aires, numa segunda feira nos inícios de 1888, junto ao desembargador Campos, ambos na velhice a filosofar sobre a substituição dos burros pelo trem de ferro:

Ao subir a serra as nossas impressões divergiram um tanto. Campos achava grande prazer na viagem que íamos fazendo em trem de ferro. Eu confessava-lhe que tivera maior gosto quando ali ia em caleças tiradas a burros, umas atrás das outras, não pelo veículo em si, mas porque ia vendo, ao longe, cá embaixo, aparecer a pouco e pouco o mar e a cidade com tantos aspectos pitorescos. O trem leva a gente de corrida, de afogadilho, desesperado, até a própria estação de Petrópolis . E mais lembrava as paradas, aqui para beber café, ali para beber água na fonte célebre, e finalmente a vista do alto da serra, onde os elegantes de Petrópolis aguardavam a gente e a acompanhavam nos seus carros e cavalos até a cidade; alguns dos passageiros de baixo passavam ali mesmo para os carros onde as famílias esperavam por ele (ASSIS,2007, P.25)

Segundo Albuquerque (2007), essa memória vivida por Campos e pelo diplomata Aires, ele o chama de reminiscência é um nível em que a memória individual é violentada por choques provenientes de signos sensíveis. Estes signos fazem chegar à consciência sensações ou imagens já vividas que aparecem como rasgões num tecido negro. E passam através destes rasgões figuras indecisas, imagens fugidas, aparições inrepetíveis que trazem até o indivíduo o passado em estado puro, ou seja, não uma simples semelhança entre passado e presente, mas sim, uma fusão de sensações passadas e presentes que faz com que o que foi invocado seja de uma nova forma. Como diz Eclea Bosi (1994), é o momento de desempenhar a alta função da lembrança. Não porque as sensações se enfraquecem, mas porque o interesse se desloca, as reflexões seguem outra linha e dobram sobre a quintessência do vivido.

Para Bosi(1994) esta faculdade de relembrar exige um espírito disperso, capaz de não confundir a vida atual com a que passou, de reconhecer as lembranças e opô-las às imagens de agora. Este caráter social pode ficar mais evidente quando nos deparamos com nossos hábitos, gestos e atitudes, inclusive corporais. Já a voluntária que Albuquerque chama de lembrança é uma recomposição do passado, ela não é o acesso direto a esse passado, mas fruto de um trabalho de rememoração que é feito no presente, relativo ao presente que foi o presente que é. Segundo Bosi, “essa lembrança não seria reviver, mas refazer, reconstruir, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado”.

Podemos remeter essas ideias de hoje (lembrança),ao passado, nas reflexões feitas pelo velho Aires ao começo do seu diário onde ele começa a relatar a velocidade das impressões do tempo que deseja viver fundamentalmente outro tempo.O que os historiadores chamam de “memórias históricas’ servindo de marcas temporais.

Ora bem, faz hoje um ano que voltei definitivamente da Europa. O que me lembrou esta data foi, estando a beber café, o pregão de um vendedor de vassouras e espanadores: “Vai vassouras! vai espanadores!”Costumo ouvi-lo

outras manhãs, mas desta vez trouxe-me á memória o dia do desembarque, quando cheguei aposentado á minha terra, ao meu Catete, á minha língua. Era o mesmo que ouvi há um ano, em 1887, e talvez fosse a mesma boca. Durante os meus trintas e tantos anos de diplomacia algumas vezes vim ao Brasil, com licença. O mais do tempo vivi fora, em várias partes, e não foi pouco. Cuidei que não acabaria de me habituar novamente a esta outra vida de cá. Pois acabei. Certamente ainda me lembram coisas e pessoas de longe, diversões, paisagens, costumes, mas não morro de saudades por nada. Aqui estou, aqui vivo, aqui morrerei (ASSIS,Machado,1908,p.15)

Percebemos que o tempo celebre do conselheiro não é o acesso direto ao passado, mais sim, a velocidade das impressões do tempo os que os historiadores chamam de “memórias históricas”, ou seja, são fragmentos incorporados a memória coletiva(relação entre o ser individual, Aires) e o mundo. Aires retrata muito bem essas questões ao relatar essas experiências que marcadas por datas e por situações históricas e culturais.

A temática da velhice é apresentada logo no início da obra do Memorial, onde o personagem Aires começa a descrever a cena do cemitério, não apenas de forma literal, mas também metafórica:

Não é feio o nosso jazido; podia ser um pouco mais simples, - a inscrição é uma cruz,-mas o que está é bem feito.Achei-o novo demais,isso sim.Rita fá-lo lavar todos os meses,e isto impede que envelheça. Ora, eu creio que um velho túmulo dá melhor impressão de ofício, se tem as negruras do tempo. Que tudo consome. O contrário parece sempre as véspera.(ASSIS, 2007,p.16)

As reflexões sobre túmulos e cemitérios convêm ao começo do livro que fala daqueles mesmos “pensamentos idos e vividos” com que o escritor Machado de Assis, falando á morta Carolina, descrê a desolação do seu espírito.(BOSI,Alfredo)

Observa-se que no final do século XIX, uma pessoa de cinquenta anos já era considerada velha. O conselheiro, que também é o narrador, tem sessenta e dois anos e, falando de si mesmo não se pode esquecer de que “as metáfora do teatro, de um teatro da memória, evidencia-se na idéia do indivíduo como personagem de si mesmo, sendo recorrente nos estudos da escrita de si” (Gomes, 2004, p.17), decidindo se deveria fazer um passeio com um velho conhecido de corpo diplomático, assim se manifesta:

E daí pode ser que a mudança de ar e de espetáculo altere a disposição do meu espírito. A vida, mormente nos velhos, é um ofício cansativo”. E acrescenta ainda: “Agora na barca fomos reatando melhor os laços antigos. A viagem por mar e por terra era de sobra para avivar alguma coisa da vida escolar. Bastante foi: acabamos lavados na velhice (ASSIS,2007,P.24)

Pensar a vida como uma atividade em eterna mudança é a percepção do autor que vê nas idas e vindas como uma forma de enriquecer as relações consigo e com os outros. O narrador percebe que é na velhice que os acontecimentos tomam uma profundidade que merecem ser tomados vivenciados em sua magnitude.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ficou entendido que os aspectos referentes à memória constituem hoje uma proposta bastante significativa para a análise de narrativas que possuem um viés mnemônico. Pois, a reflexão sobre como os textos trazem em si uma construção de memória, possibilitam aos estudiosos perceber que certas narrativas se construíram na observação e na necessidade de marcar o percurso dos acontecimentos. Assim, vemos o Memorial de Aires de Machado de Assis, como um exemplo de escrita que se constrói por trazer ao leitor uma experiência de memória, pois o narrador, como pode ser visto na narrativa, um profícuo delimitador das experiências de tempo e de reflexão dos acontecimentos como objetos de marcação no espaço da memória.

Dessa forma, podemos dizer que o texto de Machado de Assis é um exemplo de como o autor se preocupa em perceber os acontecimentos como fatores importantes na observação e reflexão sobre o tempo. O cotidiano passa a figurar como artefato de construção da narrativa. Concluímos que o Memorial de Aires é um texto que traz em sua escrita uma descrição dos fatos com o desejo de marcar as experiências observadas no dia a dia. Ou seja, vemos que o cotidiano se torna matéria do escritor e a escrita é pensada como forma de inscrever os acontecimentos. Dessa forma, Aires se coloca como um profícuo observador das relações sociais. O texto de Machado de Machado de Assis, apesar de ter sido objeto de vários estudos, é ainda um hoje um importante meio de pensar a memória, pois as suas descrições não se esgotam. Devido a sua perspicácia em termos de vislumbrar o mundo, o estudo da obra de Machado de Assis, e em especial o Memorial de Aires, pode demonstrar aos leitores a importância da observação do cotidiano como meio de entender as relações e sentimentos humanos.

Title: MEMORY AND RECALL IN MEMORIAL AIRES

ABSTRACT

This article is about the study of romance *Memorial Aires* by Machado de Assis, a work that marks the expressive freedom of the author, through the relationship with the urban conflicts observed by a first-person narrator. It starts with the assumption that the work focuses on the thematic conflict between individual / collective memory and. To take both theoretical-based criticizes the following authors: Albuquerque Junior (2007) Zilberman (2006), and others. At first undertook an analysis of the theoretical memory, and finally analyzed in related work, making a theoretical dialogue.

Keywords: social or collective memory, *Memorial Aires*, Machado de Assis

Referências Bibliográficas:

ALBURQUERQUE JR, Durval Munis. *A invenção do Nordeste e outras artes*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

ASSIS, Machado de. *Memória de Aires*. 6ª edição. São Paulo: Ática, 2007.

BERGSON, Henri. *Matéria e Memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. Tradução: Paulo Neves. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade. Lembranças de Velhos*. São Paulo: EDUS, 1994

BOURDIEU, Pierre. Sobre o poder simbólico. In: _____. *O poder simbólico*. Trad. Fernando Tomas. 11 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007, p. 7-16.

BOSI, Alfredo. “Uma figura machadiana”. In. Machado de Assis- O enigma do olhar. São Paulo: Martins Fontes, pp. 129-48, 2007.

GUARINELLO, Norberto Luiz. *Memória coletiva e história científica*. Revista Brasileira de História, n. 28, p. 180-193, 1995.

NÓBREGA, Geralda Medeiros. Uma escrita de si como captação do outro. In- GOMES, André Luiz (org.). *Cenas avulsas- ensaios sobre a obra de Machado de Assis*. Brasília: LGE, 2008.

PAOLO, Rossi. *O passado, a memória, o esquecimento: seis ensaios da história das ideias*. Tradução: Nilson Moulin. São Paulo: Editora da UNESP, 2010.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução Alain François (et al.). Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

ZILBEMAN. Regina, *Memória ente oralidade e escrita*. Letras de Hoje, Porto Alegre:

PUCRS, v.41; n3, p. 117-132, set. 2006.